



A EXPERIÊNCIA DO CUIDADO COM O OUTRO DIANTE DA AUSÊNCIA DO SENTIDO EXISTENCIAL: CLIENTE COM IDEIAÇÃO SUICIDA

Acadêmica: Emily Oliveira Rausch

Discente do curso do 9º semestre de Psicologia do UNIVAG - Campus Cuiabá
E-mail: emioliveira1317@gmail.com

Acadêmica: Mariana Goveia Gimenez

Discente do curso do 9º semestre de Psicologia do UNIVAG - Campus Cuiabá
E-mail: marigoveia15@gmail.com

Cintia Souza de Abreu

Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
Supervisora de Estágio de Psicologia do UNIVAG - Campus Cuiabá
E-mail: cintia.abreu@univag.edu.br

Juliana Batista Fitaroni

Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
Responsável Técnica da Clínica-Escola de Psicologia do UNIVAG - Campus Cuiabá
E-mail: juliana.fitaroni@univag.edu.br

RESUMO

O objetivo central deste relato é a sistematização do processo terapêutico desenvolvido com uma clientela diversificada, composta por adolescente e adultos, que se apresentavam em um quadro de sofrimento psíquico de intensa magnitude. Este sofrimento era clinicamente caracterizado pela presença persistente de ideação suicida, acompanhada de uma profunda ausência de sentido existencial. Nesse contexto de crise e desespero, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) não apenas forneceu um arcabouço teórico, mas também um modo relacional de estar com o cliente. A ACP fundamenta-se na premissa otimista de que cada indivíduo possui uma força motivacional inerente e positiva para o desenvolvimento pleno de seu potencial, uma capacidade que Rogers cunhou como a tendência atualizante, o impulso intrínseco em direção ao crescimento e à autorrealização (Rogers, 2000). A efetividade da terapia dependia, portanto, da capacidade do terapeuta em criar um clima que permitisse a livre manifestação dessa força. A intervenção terapêutica foi meticulosamente focada na criação e manutenção das atitudes facilitadoras postuladas por Carl Rogers. Estas condições não são meros adendos técnicos, mas sim a própria essência do encontro terapêutico. O terapeuta buscou ativamente incorporar a empatia, a consideração positiva incondicional e a congruência (ou autenticidade) em cada interação. A empatia exigiu um esforço constante para capturar, com precisão e sem julgamento, a estrutura de referência interna do cliente, sentindo o mundo experiencial dele "como se" fosse o próprio, mas sem perder o seu "como se". Paralelamente, a aplicação da consideração positiva incondicional (CPI) foi crucial. Esta atitude implica aceitar o cliente integralmente, valorizando-o como pessoa, independentemente de seus sentimentos, pensamentos ou comportamentos expressos, mesmo aqueles relacionados à ideação de morte. A aceitação plena, sem a imposição de critérios preestabelecidos sobre o que seria um "comportamento aceitável", reflete a implementação deste pilar da relação terapêutica (Rogers, 1992). Tal aceitação

funciona como um antídoto direto à autocrítica destrutiva que frequentemente alimenta a dor existencial. O processo terapêutico, ao lidar com a ameaça real do suicídio, revelou que o desejo de morrer é, em sua gênese mais íntima, uma tentativa de pôr fim a uma dor emocional insuportável, onde não existe uma injeção que possa acabar com a dor. Essa dor é frequentemente alimentada por uma vivência de profunda não correspondência entre o *self* percebido e a experiência real. Neste cenário, a presença empática do terapeuta transcendeu a técnica e se estabeleceu como um cuidado essencial. Ao ser verdadeiramente acompanhado em sua dor, o cliente se sentiu seguro para, finalmente, vivenciar suas emoções mais cruas e autênticas, sem a necessidade de mascaramento ou repressão para agradar o olhar terapêutico. A congruência das estagiárias, ou autenticidade, provou ser um fator decisivo para a consolidação da relação de confiança. Rogers sustenta que a transparência do terapeuta, ao permitir que sua experiência interna seja acessível ao cliente de maneira construtiva, facilita a abertura do próprio cliente (Rogers, 1992). A capacidade de ser sincero, inclusive ao comunicar vulnerabilidades profissionais diante da complexidade da dor, manteve a relação firme e real. Em momentos de maior angústia, a mera presença acolhedora e não diretiva mostrou-se mais potente do que qualquer intervenção técnica ou sugestão de solução, reiterando que o motor da mudança reside na qualidade relacional do encontro. A análise do sofrimento existencial evidenciou que ele se manifestava como um sintoma de distanciamento do *self*. O indivíduo estava aprisionado em um modo de ser reativo, ditado por expectativas externas, papéis sociais internalizados e condições de valor. Este estado de incongruência é a pedra angular da teoria rogeriana sobre a psicopatologia. Rogers descreve a incongruência como a disparidade entre a experiência organísmica total do indivíduo e o seu autoconhecimento (Rogers, 2000). Essa falta de alinhamento gera uma tensão psicológica crônica, levando o indivíduo a negar ou distorcer a realidade de seus sentimentos para manter um conceito de si que seja aceitável socialmente. O ambiente terapêutico, pautado pela aceitação incondicional, permitiu o afrouxamento dessas defesas, facilitando o resgate da conexão com a experiência sentida, possibilitando ao cliente reconhecer e validar sentimentos antes condenados. A reorganização do *self* começou a ocorrer à medida que a experiência podia ser integrada sem o medo da desintegração do conceito de si. O manejo da temática suicida impôs rigorosos desafios éticos e emocionais, intensificando a necessidade da supervisão contínua. O estagiário precisou elaborar as próprias ansiedades sobre a responsabilidade profissional, enquanto discutia estratégias de segurança e encaminhamento. No que tange aos cuidados essenciais em situações de risco, Fukumitsu (2014) é citada como referência vital. A autora ressalta que a intervenção não pode se limitar a estratégias de contenção comportamental; ela deve, obrigatoriamente, focar na escuta atenta ao conteúdo existencial do sofrimento. É imperativo compreender o *significado* que o ato de morrer carrega para o indivíduo, pois a resolução da crise reside na identificação de um novo significado de vida (Fukumitsu, 2014). A construção colaborativa do plano de segurança, respeitando a autonomia do cliente dentro dos limites éticos da proteção à vida, foi um ponto de articulação importante, integrando a abordagem humanista com as práticas de segurança necessárias. Em conclusão, a ACP demonstrou ser um referencial teórico e prático excepcionalmente robusto para o cuidado em quadros de sofrimento existencial agudo e ideação suicida. Sua filosofia humanista visa primordialmente a restauração do vínculo do sujeito consigo e com seu mundo de possibilidades. A experiência formativa sublinhou que o ato de cuidar em Psicologia transcende a aplicação de métodos; é, fundamentalmente, um encontro entre existências. Esse encontro é sustentado pela disponibilidade incondicional do terapeuta em oferecer um espaço psicologicamente seguro onde a expressão autêntica do ser em sua totalidade não é apenas tolerada, mas ativamente facilitada pelas atitudes facilitadoras. É através desse reconhecimento e validação da experiência subjetiva — rompendo o ciclo da incongruência



— que se promove o movimento genuíno e poderoso em direção à tendência atualizante e à reafirmação do valor da própria existência, superando a tentação da aniquilação.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa. Acolhimento Terapêutico. Suicídio.

REFERÊNCIAS

FUKUMITSU, K. O.. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, p. 270–275, set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642014000300270&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 de Nov. 2025.

ROGERS, Carl R. **Terapia centrada no cliente**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. Revisão da tradução Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Ed.6. Martins Fontes. 2000